

O tom emocional de uma escola pública de excelência: "*Nós somos a História da Educação!*"

Maria Cristina da Silva Galvão (SOCED, PUC-Rio)

Resumo

Este texto contém as primeiras reflexões de um estudo de caso que objetiva analisar as singularidades institucionais e os processos de escolarização de uma das mais conceituadas escolas públicas do município do Rio de Janeiro. A partir do trabalho de campo desenvolvido de agosto a dezembro de 2007, apresento um conjunto de percepções, disposições e sentimentos produzidos na convivência com aqueles que participam do cotidiano escolar. Trata-se de aspectos considerados relevantes nos estudos sobre clima escolar e que podem ser destacados como fatores que facultam a diferenciação de qualidade as escolas e integram a análise sobre o ambiente institucional.

Palavras-chave: qualidade da educação, escola pública, clima escolar.

The emotional tone of a Prestigious Public School: "*We are the History of Education!*"

Maria Cristina da Silva Galvão (SOCED, PUC-Rio)

Abstract

This text gathers the first considerations developed in a case study that aims to analyze the institutional singularities and the schooling processes in one of the most prestigious public schools in the city of Rio de Janeiro. Based on the fieldwork carried out from August to December of 2007, I present a collection of perceptions, dispositions and feelings produced after socialization with those who participate in the school's day-to-day life. These aspects are considered to be relevant in the studies about school climate and can be detached as factors that promote differentiation in school quality and integrate the analysis about the institutional environment.

Key-words: educational quality, public school, school climate.

O TOM EMOCIONAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE EXCELÊNCIA :

"NÓS SOMOS A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO!"

Maria Cristina da Silva Galvão (SOCED, PUC-Rio)

Introdução

Este texto contém as primeiras reflexões de um estudo de caso que objetiva analisar as singularidades institucionais x os processos de escolarização de uma unidade escolar de uma das mais conceituadas escola pública do município do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II ¹.

A partir do trabalho de campo desenvolvido na Unidade Humaitá II, de agosto de 2007 a dezembro do mesmo ano, pretendo abordar percepções, disposições e sentimentos produzidos na convivência dos que participam do ambiente escolar. Estes são aspectos levados em consideração nos estudos referidos ao clima escolar e que podem ser destacados como fatores que facultam a diferenciação de qualidade as escolas.

Com o objetivo de analisar percepções sobre o ambiente institucional, relatarei alguns episódios que se deram nos seguintes momentos:

- (a) primeiro contato com o setor onde deveria cadastrar o projeto para iniciar o trabalho de campo;
- (b) conversas informais com alunos, ex-alunos e funcionários;
- (c) festa junina da escola e
- (d) formatura do 9º ano.

"Nós somos a história da educação"

Esta foi a reação de um aluno do 3º ano do ensino médio da Unidade Humaitá do Colégio Pedro II quando acabei de expor o objetivo da minha pesquisa. Foi uma resposta a minha explicação de que investigaria os processos de geração e manutenção da imagem de excelência da sua escola, mais precisamente, as características existentes na Unidade Humaitá II, que possibilitam ao colégio ser detentor de desfechos escolares socialmente valorizados. Imediatamente após o contato com este aluno, algumas questões apareceram: Esta afirmação teria fundamento na

¹ Trata-se da maior escola pública brasileira no atendimento ao ensino fundamental e médio, com 12 176 estudantes (em 2007). Localiza-se na cidade do Rio de Janeiro e encontra-se em processo de expansão, inclusive para outros municípios do nosso estado. Até 2005 possuía dez unidades escolares espalhadas em cinco bairros da nossa cidade, possui agora 13 unidades, 11 ficam na cidade do Rio de Janeiro, as outras duas localizam-se nos municípios de Niterói e Duque de Caxias.

realidade objetiva? Traduziria uma singularidade deste colégio do ponto de vista de seus atores? Quais processos teriam engendrado tal singularidade? Que percepções da escola levariam um aluno a professar essa afirmação?

Brunet (1995) demarca que "são os atores no interior de um sistema que fazem da organização aquilo que ela é" (p.125); desta forma, assegura ser necessário compreender a percepção que os atores têm da sua atmosfera de trabalho para que possamos identificar os aspectos que influenciam o seu rendimento. E entendendo que o ser humano age continuamente conforme o seu ambiente, construindo uma base que lhe possibilita equilibrar os seus comportamentos, a percepção do ambiente produz efeitos sobre o estado motivacional de um ator. Portanto, as percepções têm consequências importantes sobre o comportamento de todos os membros de uma instituição; e as percepções e sensações dos atores escolares em relação à instituição da qual participam traduzem o **clima escolar**.

Em um estudo de 1994, publicado no Brasil em 2003, Bressoux aborda as pesquisas empíricas sobre as variações de aquisição dos alunos em função da escola ou da classe em que eles são escolarizados. Neste estudo ele privilegiou a noção de **clima** em relação a outros fatores de desempenho (vistos como mais ou menos decorrentes deste), por considerar que ele permitiria dar conta da escola concebida como uma organização social que desenvolve um sistema particular de relações entre os atores. O "clima" da escola é destacado como "um conceito que permite ajuntar as características isoladas para integrá-las num conjunto que lhes confere sentido" (Id: 51).

Bressoux (op.cit.) cita estudos (Brookover et al, 1970) que assumiram a hipótese de que o clima da escola definido de antemão como refletindo a cultura própria da escola irá influir sobre os comportamentos dos estudantes e, particularmente, sobre seu sucesso escolar. Alguns resultados confirmaram esta hipótese: (a) cada escola parece ter mesmo um clima específico: as percepções dos indivíduos podem variar, mas existe uma certa homogeneidade entre os diferentes indivíduos de uma mesma escola; (b) as aquisições seriam maiores nos estabelecimentos onde os alunos têm o sentimento de controlar seu próprio sucesso; (c) as escolas eficazes saberiam fazer seus alunos assimilarem o sentimento de que eles controlam, eles mesmos, seus destinos.

Os estudos referidos ao clima escolar abordam percepções, disposições e sentimentos produzidos na convivência dos que participam do ambiente escolar, neste processo os estabelecimentos produzem suas singularidades distinguindo-se de outros.

Uma das características que deve ser levada em consideração quando se tenta identificar o clima de uma escola, é o fato do clima ser um conceito polivalente e sintético (Brunet, op.cit.). Esta característica evidencia que não se pode diagnosticar o clima com base numa única dimensão, precisamos recorrer ao conjunto dos seus componentes.

A partir desta constatação, Brunet enfoca causas, dimensões, características, categorias e efeitos do clima e relaciona estes aspectos com a problemática da eficácia da escola. Utiliza a expressão **clima organizacional** e ressalta que a definição de clima não tem apresentado precisão, porém esclarece que as teorias recentes têm se centrado na seguinte definição: *a medida perceptiva dos atributos organizacionais*. Esta definição entende o clima como uma série de atributos perceptíveis do ponto de vista da organização e que podem ser indicadores da sua maneira de atuar (consciente ou inconscientemente), em relação aos seus membros e à sociedade. Desta forma, o elemento principal é a percepção que um indivíduo tem do seu ambiente de trabalho. Menos que a realidade objetiva, valoriza-se mais a maneira como nos apercebemos das coisas.

A percepção aparece, portanto, como um filtro que auxilia a interpretar a realidade e os componentes da organização.

O autor esclarece que na ótica da medida perceptiva dos atributos organizacionais, o clima de uma organização refere-se a algumas características relativamente constantes, que:

- (a) diferenciam uma determinada organização, podendo-se conceber que cada escola tende a possuir uma personalidade própria, um clima específico;
- (b) provêm dos comportamentos e das políticas dos membros da organização, sobretudo da direção, uma vez que o clima é causado pelas variáveis físicas (estrutura) e humanas (processo);
- (c) são percebidas pelos membros da organização;
- (d) constituem referência para explicar uma situação, pois os indivíduos dão respostas às solicitações do meio ambiente de acordo com a sua percepção do clima;
- (e) atuam como um campo de força destinado a conduzir as atividades, na medida em que o clima determina os comportamentos organizacionais.

Além das características citadas anteriormente, o autor considera que temos que levar em consideração outros aspectos quando queremos identificar o clima de uma escola. Como por exemplo, apesar de poder existir movimentos no interior de uma organização produzindo a coexistência de diferentes climas, verifica-se, no entanto, "uma certa

partilha das percepções do clima organizacional entre o conjunto de seus membros" (p.129). As descrições abaixo, retiradas do diário de campo, reforçam esta hipótese de partilha de percepções, também evidenciada por Mafra (2003) quando caracteriza o "clima da escola" ou a "atmosfera escolar" com um "sentimento geral afinado" com o estabelecimento. Sentimento que favorece o bom relacionamento e a identificação institucional indispensável ao funcionamento apropriado das instituições.

Relatos do campo

No início do segundo semestre de 2007, conversei com a responsável pelo Setor de Pesquisa, Extensão e Cultura - SEPEC (tramitação necessária para que o meu projeto fosse cadastrado e assim pudesse ser iniciado o trabalho de campo na Unidade Escolar Humaitá II - HII). Ao nos despedirmos ela deu-me uma publicação da Secretaria de Ensino, era o livro de resumos dos trabalhos (painéis, comunicações, teatro e oficina) apresentados pelos alunos na Jornada de Iniciação à Pesquisa Científica do Colégio Pedro II, datado de 21 de outubro de 2006.

Na apresentação desta publicação, como de praxe acontece em documentos do colégio, somos lembrados da sua importância no cenário nacional:

Às vésperas de completar 170 anos e não possuindo mais idade para falsa modéstia, o Colégio Pedro II comemora, com imenso orgulho, a sua singular e competente habilidade e experiência em fazer acontecer educação pública de qualidade através dos séculos em nosso país.

A publicação dos trabalhos dos alunos prefaciada com um texto que remete a importância secular do colégio traduz ações dos gestores escolares que colaboram na criação de um tipo de clima escolar que produz uma visão positiva da instituição e que pode gerar sentimentos de distinção. Mafra (op. cit.) aponta que os estudos sobre o "clima social escolar" mostram como os estabelecimentos escolares constroem marca própria que os distingue dos outros. Marca que ao ser incorporada pela experiência, "fixa-se como uma segunda natureza, na formação, na representação e na prática social" (p.116) de todos que passam ali anos da sua vida, seja como professores ou como alunos.

As observações seguintes evidenciarão uma identificação institucional que pode ser interpretada como um "sentimento geral afinado" (Mafra, op.cit.) com esta escola.

A festa junina do Humaitá II ocupava toda a extensão da Unidade e estava bem concorrida; apesar da venda prévia de ingressos eu supunha que não

havia somente funcionários, alunos e seus familiares. Esta impressão confirmou-se ao longo dos festejos:

→ Enquanto terminava meu almoço encetei uma conversa com um rapaz que era ex-aluno, tinha se formado há nove anos. Atualmente trabalha como contratado no Programa de Pós Graduação de Antropologia Social do Museu Nacional e todo ano comparece à festa junina. Disse não perder essa comemoração, pois tem muito prazer em voltar ao HII, onde reencontra vários amigos.

→ Ao dirigir-me para as arquibancadas, que ocupam um pequeno espaço de um dos lados da quadra, constatei que estava repleto de jovens; aproveitei para conversar com uma moça que descobri também ser ex-aluna, havia estudado no HII da 5ª série ao 3º ano do ensino médio, formara-se há dois anos. Ela me explicou que este era um dia em que muitos ex-alunos voltavam à escola para rever amigos e participar da quadrilha dos ex-alunos, que geralmente não cabia na quadra. Reparando em volta, observei que de fato muito deles chegavam e cumprimentavam efusivamente os que já se encontravam.

→ Chega a hora da saudade - a quadrilha dos ex-alunos; observei que realmente lotava a quadra, tentei contar os participantes e cheguei a 120. Este grupo puxou a tradicional "tabuada" ao final da dança, uma espécie de grito de guerra que é bradado nos momentos e lugares mais imprevisíveis: ao final do canto de hinos, nos passeios da escola, nas festas de aniversário, em restaurantes, etc. Diz o seguinte:

Ao Pedro II, tudo ou nada?

Tudo!

Então como é que é?

Tabuada!

Três vezes nove vinte e sete

Três vezes sete vinte e um

Menos doze ficam nove

Menos nove fica um

Zum, zum, zum. Paratibum!

Pedro Segundôooooooooooooô!

Uma professora de química, assessora da direção comandava o microfone e disse: "*Valeu galera, foi muito bom tê-los de volta na casd*". Houve um pouco de dificuldade de liberação da quadra, a animação era evidente.

→ Faltava justamente a última apresentação que era da quadrilha do 3º ano, mas tudo rolava sem estresse. Neste grupo que em quantitativo era um pouco menor que o dos ex-alunos, percebia-se um ar de despedida. Chegando ao final da apresentação, todos entoam: "*Soltou os capetas, ninguém mandou soltar, CPII, 3º ano, Humaitá!*" Em seguida tocou um funk. Sem deixar "esquentar", a assessora interrompeu e falou: "*Até o ano que vem na quadrilha dos ex-alunos!*" No que todos gritaram: "*Hêeeeeeeeeeeeeê*". E foram saindo da quadra obedientemente.

→ Conversei com Kênia, outra ex-aluna, fisioterapeuta, que havia feito o antigo ginásio na Unidade Humaitá II (de 1970 a 1973) e o científico (atual ensino médio) na Unidade Centro. Os 32 anos de formada não impediram que seus olhos brilhassem ao tomar conhecimento do teor da minha pesquisa, imediatamente se dispôs a falar do seu tempo de estudante. Inicia dizendo que quando entrava no Colégio Pedro II, sua sensação é de que estava entrando num lugar de **clima mágico**. Sobre a escolha do colégio, lembra que a mãe queria que ela ingressasse por questões financeiras e porque era um dos melhores da época. Ela mesma não tinha noção de comparação entre as escolas; estudava num colégio particular que era bom, mas o Pedro II era o seu desejo. Queria ir e quando botou o uniforme do colégio, ficou feliz porque estava entrando no Colégio Pedro II. Acentua o que já era claramente percebível, que até hoje sente emoção quando fala do colégio, tem prazer em dizer que estudou no Pedro II. Só não colocou as filhas lá porque morava fora do Rio. Foi uma fase muito boa e não teve dificuldade nenhuma para prosseguir nos estudos.

Quando comecei a conversar com a Kênia, não fiz nenhuma referência a clima. Por iniciativa própria ela iniciou sua exposição referindo-se a um *clima mágico* do colégio.

→ Mais um episódio da festa junina merece ser relatado, os alunos formam equipes (pode ser de séries misturadas) que são responsáveis pelas barracas, ornamentação da escola, danças (fórró e quadrilha) e arrecadação de roupas, brinquedos e alimentos, antes do dia da festa. As equipes recebem pontos por essas atividades e pelo desempenho nas gincanas relâmpago que acontecem durante a festa (cinto mais comprido, carteira de identidade com data mais antiga, etc.).

Uma das equipes, a de cor laranja, dançou uma ciranda e usou o próprio uniforme do colégio customizado. No final da sua apresentação, fizeram uma coreografia onde todos acabavam no centro da quadra e para meu espanto, o grupo levantou um cartaz onde se lia: "*Pedro II eterno*"!

Este cartaz indica a incorporação por parte dos alunos de um aspecto da identidade deste estabelecimento de ensino. Aspecto bem descrito pelo historiador Escragnolle Doria quando evidencia a marca indelével daquele que fora o padrão de ensino de humanidades e que traçara as normas a que a Educação Nacional obedecera por mais de um século. Afinal, "sem estudar o Colégio Pedro II, não se compreende a instituição pública nacional" (Doria, apud Segismundo, 1987).

Este episódio nos remete ao termo *ethos escolar* - "um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que dão identidade particular à escola" e que apresentou-se para pôr em evidência a diferença fundamental no funcionamento das escolas enquanto organização social (Mafra, op.cit.).

A referência ao atributo de eternidade, por iniciativa dos jovens, aponta para a existência de um *ethos escolar*, uma cultura institucional que "aparece nas distintas vozes como uma espécie de refrão" (Bomeny, 2006) e comprova a influência da experiência escolar nas vidas (na formação) dos alunos.

Constatamos nos exemplos acima a existência de um sentimento de pertencimento que permanece nos alunos até mesmo após sua saída do colégio. Purkey et Smith (1983 apud Bressoux 2003) compendiarão os resultados de diversos trabalhos sobre clima e verificaram que diferentes climas podem ser eficazes, contudo, relacionam quatro características que parecem favorecer o sucesso escolar. Uma delas refere-se justamente, a existência de um sentimento de comunidade, que possibilita "aos indivíduos se sentirem membros reconhecidos de uma comunidade claramente definida e percebida como tal pelo pessoal e por outros" (p. 56).²

A influência da experiência escolar se sobressaiu também na cerimônia de formatura dos alunos do 9º ano de 2007. Cada turno escolheu três alunos oradores, todos se revezavam ao microfone referindo-se aos anos passados no colégio: "*O Colégio Pedro II é a nossa segunda família, aprendi muita*

² As outras características de clima de escola favoráveis ao sucesso escolar seriam: (a) as boas relações interpessoais entre o pessoal administrativo e os professores (coleguismo, colaboração estreita) que aumentam os sentimentos de unidade e de comunidade entre os membros da escola; (b) expectativas elevadas e objetivos claros que devem ser compartilhados por todos e (c) regras claras e firmes que denotam a organização e disciplina da instituição e que parecem aumentar o sentimento de responsabilidade no seio da comunidade.

*coisa desde o Pedrinho..."*³ A referência ao colégio como uma segunda família (segunda casa) repetiu-se em vários momentos, inclusive no discurso final:

Desde que entramos nessa escola pela primeira vez, fomos apresentados a nossa segunda casa. Família Pedro II, ser amado e respeitado por todos (...).

A denominação de uma escola como *segunda casa* é a expressão do sentimento de acolhimento que perpassou pela vida escolar dos jovens formandos. Lembremos que uma professora dirigindo-se aos ex-alunos, disse: ... "*foi muito bom tê-los de volta na casa*".

Ao término da cerimônia, todos entoaram em alto e bom som (como faziam semanalmente os que estudaram nos Pedrinho) o tradicional hino do colégio:

*(...) Nós levamos nas mãos
O futuro de uma grande e brilhante nação
Nosso passo constante e seguro
Rasga estradas de luz na amplidão (...)*

A vivência de um processo de escolarização que inclui nos rituais a sugestão de que *se leva nas mãos o futuro de uma nação*, deve modelar personalidades que convivendo com tradições, valores e normas, possivelmente assimilam marcas com valor de distinção.

Essas marcas apareceram também no depoimento de dois funcionários que abordei aleatoriamente, ao passar por um corredor do Humaitá II. Seguia para o corredor do 2º e 3º ano do ensino médio, vi um casal de funcionários sentados em duas mesas no início do corredor. Apresentei-me e expliquei que estava investigando o clima da escola e sua contribuição para a constituição e manutenção do prestígio do colégio. Imediatamente, como já acontecera em outros momentos, seus olhos brilharam como faróis, por coincidência eram ex-alunos da própria Unidade onde trabalham; ela fez serviço social e ele faz faculdade de matemática. Contam alguns fatos do seu tempo de estudantes. Sentem-se orgulhosos de estar ali, amam o que fazem, são inspetores do ensino médio. Gostam muito dos alunos e afirmam:

É difícil tirar esse uniforme, é uma tatuagem. Os alunos ficam vindo aqui dois anos depois que se formam. Não é só no concreto que você vai

³ As Unidades Escolares I do Colégio Pedro II, que atendem as séries iniciais do ensino fundamental e que começaram a funcionar em 1984 são carinhosamente chamadas de "*Pedrinhos*". Em contra partida, as Unidades Escolares que ministram o ensino para as outras séries passaram a ser denominadas de "*Pedrões*".

encontrar esse aspecto que dá qualidade, é no afetivo. Ser aluno do Pedro II é alguma coisa de diferente.

A fala emocionada e contagiante destes funcionários, alunos e ex-alunos do colégio ratifica análises expostas neste texto, ou seja, os atores escolares quando argüidos expressam aspectos subjetivos que traduzem uma identificação institucional que relacionam imediatamente ao clima da escola. Mais do que boas lembranças, um tom emocional aparece nas falas de ex-alunos, tenham saído do colégio recentemente ou há décadas.

A forma como os membros deste estabelecimento percebem o ambiente escolar inclui diversos sentimentos positivos relacionados a orgulho, magia, acolhimento. Isto interfere nas relações interpessoais e pode afetar o rendimento dos alunos.

O relato de aspectos perceptivos e subjetivos de alguns membros do Colégio Pedro II, evidencia a herança e a manutenção de uma imagem predominante positiva na percepção dos atores escolares. Esta característica constitui-se em referência para explicar as situações descritas. Como analisa Fourquin (1995), é o sinal de que o estabelecimento de ensino possui uma identidade que se apossa dos elementos que lhe são injetados do exterior, elementos são trabalhados e reformulados por uma espécie de metabolismo que ainda fica por ser conhecido de maneira exata. Os processos que engendram várias singularidades deste colégio, como a que faz um aluno expressar - "*Nós somos a História da Educação*", e a partilha dessas percepções entre o conjunto de seus membros é o objeto dos próximos passos desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMENY, Helena. *Institucionalidades*. Mimeografado. Rio de Janeiro: PUC, 2006 (Texto para o Soced - Grupo de Estudos em Sociologia da Educação).

BRESSOUX, Pascal. As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor (1994). *Educação em Revista*. Belo horizonte: n.º38, p.17-88, dez. 2003.

BRUNET, Luc. Clima de trabalho e eficácia da escola. In NÓVOA, Antonio (Org.). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

FORQUIN, Jean Claude. *Sociologia da educação - dez anos de pesquisa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

MAFRA, Leila de Alvarenga. A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira. *Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.109-136.

SEGISMUNDO, Fernando. *Colégio Pedro II - Tradição e Modernidade*. Rio de Janeiro: Unigraf. Ed., e Planejamento, 1987.